

DN 29.12.57

ATÉ LOGO 1-1-66

(1e2d66)

RUBEM BRAGA

A CHO que não vou poder ajudar vocês a passar o ano. Reconheço que meu dever seria estar aqui, no asfalto, em pleno campo de batalha, neste «front» de muitas frentes chamado Rio de Janeiro, na hora em que 1965 mergulhasse nas trevas com seus problemas e 1966 chegasse — estar aqui, ao lado de todos, para encará-lo bem, esse outro ano que vem — mirar de frente sua cara pálida.

Mas debando. Tenho visto passar muito ano. No começo é divertido, chega a ser emocionante, mas a certa altura da vida isso cansa, e perde a graça. Vou-me. Amigos caridosos levam-me para um canto onde poderemos passar o ano em recolhimento, a espiar a lagoa escura, em silêncio, talvez a pensar sobre os anos o que Cassiano Ricardo disse dos minutos: «cada minuto da vida nunca é mais, é sempre menos...»

Menos um ano de vida — talvez pensemos, sem dizer nada. E a mim, no fundo do coração, isso talvez nem sequer me aborreça, embora me dê um pouco de pena de mim, não mais. E pouca.